

## **A PRODUÇÃO DO ARTESANATO TRADICIONAL DA ETNIA SATERÉ-MAWÉ E A REPRODUÇÃO DOS SABERES INDÍGENAS EM PARINTINS - AM**

**SAMUEL ANSELMO FILHO\***  
**MAYARA VIANA DE LIMA\*\***  
**MIRIAN DE ARAUJO MAFRA CASTRO\*\*\***  
**SANDRA HELENA DA SILVA\*\*\*\***

**Resumo:** O objetivo deste estudo é analisar o olhar dos artesãos anciões sobre a produção artesanal em relação a como esta tem contribuído para o desenvolvimento econômico e conservação da cultura indígena Sateré-Mawé. A metodologia empregada foi de caráter qualitativo, embasada em uma pesquisa de campo, tendo como informantes três anciãs produtoras de artesanato, da etnia Sateré-Mawé, estas, através de seus dísticos, contribuíram com suas experiências a respeito do tema abordado. A análise dos dados aponta para a autoconsciência da artesã anciã Sateré-Mawé acerca de suas contribuições na contemporaneidade, atuando como agentes de perpetuação da sustentabilidade étnica, considerando as demandas econômicas, sociais e culturais de seu povo frente aos complexos processos de adaptações as transformações culturais hodiernas.

**Palavras-Chave:** Etnoconhecimento; Cultura Sateré-Mawé; Artesanato.

### **Introdução**

Os indígenas não são somente diversos dos não indígenas, mas também possuem a característica da diversidade entre si. As sociedades indígenas se diferenciam muito umas das outras. Entre essas sociedades indígenas têm-se os Sateré-Mawé.

E são as anciãs artesãs Sateré-Mawé as pesquisadas deste trabalho. Este tem por objetivo analisar o olhar dos artesãos anciões sobre a produção artesanal em relação a como esta tem contribuído para o desenvolvimento econômico e conservação da cultura indígena Sateré-Mawé.

Algumas inquietações levaram a realização de tal trabalho, entre elas a principal questão compreende como são reproduzidos os saberes na produção do artesanato tradicional indígena da etnia Sateré-Mawé e quais as perspectivas de desenvolvimento econômico dos artesãos?

---

\*Pesquisador graduando na Incubadora AmIC – ICSEZ/UFAM

\*\* Pesquisadora a nível de mestrado na Incubadora AmIC – ICSEZ/UFAM

\*\*\* Pesquisadora Técnica na Incubadora AmIC – ICSEZ/UFAM

\*\*\*\* Coordenadora Incubadora AmIC. Professora Doutora do Curso de Serviço Social – ICSEZ/UFAM

Nessa direção, este trabalho está dividido nos tópicos teóricos: a) Cultura e Etnoconhecimento: construções e reconstruções entre gerações, b) Artesanato Indígena: valor cultural e véis econômico, c) A cultura indígena Sateré-Mawé na Amazônia e na cidade de Parintins, tem-se posteriormente os tópicos de Discussão e análise dos resultados, englobando os subtópicos: d) A produção e valorização da cultura indígena e, e) Atividades artesanais das anciãs Sateré-Mawé. Encerra-se este trabalho com as considerações finais.

### **Cultura e Etnoconhecimento: construções e reconstruções entre gerações**

O Brasil é conhecido mundialmente como um país megadiverso, desde a biodiversidade até a heterogeneidade de seu povo. São diversas as cores e costumes, reunindo uma diversidade de saberes, símbolos e significados a apenas um país, sendo este plural, múltiplo e variado, apresentando povos das mais diversas culturas. Com relação ao conceito entendemos que a cultura:

*Denota um padrão de significado transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas e expressa em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida (GEERTZ, 1984, p.103).*

A cultura influi diretamente no modo de vida de um povo, pois interfere diretamente nos valores, nas crenças, costumes e até mesmo nos hábitos alimentares. Assim como Geertz, Langdon afirma a cultura como um:

*Sistema simbólico coletivo, público e expressivo que constitui uma visão de mundo que informa a ação e a prática humana. Para os membros de uma sociedade, a cultura organiza o universo e os ajuda a definir seu lugar frente ao mundo (LANGDON, 1996, p.23).*

Para o Ministério da Cultura (2010) foi aderido um novo conceito de cultura vigente desde 2003, sendo este operando em três dimensões: simbólica, cidadã e econômica. Afirmar a

dimensão simbólica da cultura, diz respeito a compreendê-las como sistemas de significados incorporados em símbolos expressos por meio das diversas línguas, valores, saberes e práticas. Segundo Nogueira (2008, p.13) “a cultura é a mais profunda e complexa forma de conexão entre a vida interior e exterior de indivíduos e coletividades. Quanto mais próxima dos marcos organizativos de suas identidades, mais fascinantes e complexos parecem os fenômenos e processos culturais”.

Na dimensão cidadã, a cultura fundamenta-se na base dos valores culturais, esses como integrantes dos direitos humanos e devem organizar-se como estrado de suporte para as políticas públicas. Enquanto na dimensão econômica, a cultura visa através do potencial de geração de trabalho e renda contribuir para o desenvolvimento sustentável do país, através dos empreendimentos criativos, por exemplo.

Com relação ao etnoconhecimento, em seu conceito destaca-se o saber expresso pelas categorias mentais dos diversos grupos “tradicionais”, por meio de classificações específicas cujos termos são expressos em vocabulário próprio do grupo estudado. Etnoconhecimento são os saberes, tradições (cultura), transmitidos de geração a geração nas “comunidades tradicionais”, aprendidos com a vida cotidiana e a interação direta com o ambiente e seus fenômenos (NASCIMENTO, 2013).

De acordo com Diegues (1999, p. 30):

*O conhecimento tradicional é definido como o conjunto de saberes e saber-fazer a respeito do mundo natural, sobrenatural, transmitido oralmente de geração em geração. Para muitas dessas sociedades, sobretudo para as indígenas, existe uma interligação orgânica entre o mundo natural, o sobrenatural e a organização social. Nesse sentido, para estas, não existe uma classificação dualista, uma linha divisória rígida entre o “natural” e o “social”, mas sim um continuum entre ambos.*

Os povos “tradicionais” não só convivem com a biodiversidade, mas também nomeiam e classificam as espécies vivas segundo suas próprias categorias e nomes. Essa biodiversidade não é vista como selvagem, ela foi e é domesticada, manipulada. Bem como “essa diversidade da vida não é vista como ‘recurso natural’, mas sim como um conjunto de seres vivos que tem um valor de uso e um valor simbólico, integrado numa complexa cosmologia” (DIEGUES, 1999, p. 31- 32).

Diferente de “recurso”, os “bens comuns” ambientais “são bens coletivos essenciais à vida, aos quais todos devem ter acesso, e como tais não podem ser vendidos no mercado: de fato, os usuários tem apenas o usufruto e não a propriedade” (RICOVERI, 2012, p. 18). A partir dessa sustentável relação e interação das sociedades com o sistema ambiental o etnoconhecimento é construído, repassado e reconstruído entre gerações.

### **Artesanato Indígena: valor cultural e viés econômico**

O artesanato é uma das mais ricas formas de expressão da cultura e do poder criativo de um povo, faz parte da representação da história de uma comunidade e reafirmação de sua autoestima. Nos últimos tempos, tem se agregado a esse caráter cultural o viés econômico, com impacto crescente na inclusão social, geração de trabalho e renda e potencialização de vocações regionais (BRASIL, 2012, p.07).

Segundo o Conselho Mundial do artesanato – organização internacional, vinculada a UNESCO – esta atividade é dividida entre as categorias: arte indígena; arte tradicional; arte de referência cultural; arte conceitual. A arte indígena é caracterizada pela expressão da cultura e incorporada no cotidiano, também pelo tipo de produção coletiva, realizada em comunidade (MOUCO, 2010, p. 32).

Os artesanatos indígenas, no contexto brasileiro, expressam a beleza e a riqueza da diversidade cultural étnica. Cada povo indígena representa em seus trançados, cestarias, adornos, cerâmicas, as características e técnicas desenvolvidas por seus ancestrais, aprimorando com habilidade e criatividade a reprodução de seus artefatos para a realização da subsistência econômica e cultural de seus parentes.

Mauro apud Barbosa (2016, p.97) ressalta como o seguimento do artesanato indígena no Brasil foi inserido por intermédio da FUNAI, sendo os chefes de postos do período os responsáveis diretos pela inserção da atividade e comercialização dos produtos em cidades mais próximas. Esse incentivo foi desde a sugestão do ensino do artesanato até mesmo o fornecimento de materiais. Tal prática tornou-se regra em todo país. O incentivo à produção era orientado por

uma didática do tipo de artefato que deveria ser produzido por cada povo. Para tanto, os modelos antropológicos serviram de norteadores.

Ainda sobre o artesanato indígena Mauro (2016, p.97) adverte o incentivo da FUNAI na comercialização dos produtos indígenas em aeroportos, shoppings e outros espaços estratégicos. Esta política visava favorecer a manutenção econômica dos sujeitos envolvidos. Mais tarde além do viés econômico o artesanato foi legitimado como elemento da identidade étnica indígena, juntamente com a língua e os rituais de cada povo.

Neste sentido, o artesanato indígena não atinge os artefatos da cultura material de um povo indígena em sua completude, mas sim representa uma parte da produção de artefatos comercializáveis, sendo selecionados com base na história e representações simbólicas e também na procura de mercado. Mauro (2016, p.97) alude ao fato de haver uma produção da cultura material criada para serem artesanatos, como exemplo tipos de colares, sendo estes identificados como autênticos, mas destinados ao “outro”.

O artesanato compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo detentor do domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (*possui valor simbólico e identidade cultural*), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios (BRASIL, 2012, p.14).

Em tempos atuais o artesanato indígena incorpora novas técnicas, alguns artesãos utilizam ferramentas como a furadeira para acelerar o processo de perfuração das sementes, por exemplo. Outros procuram inovar suas peças em escultura em madeira, transformando peças decorativas em utilitários como porta-moedas, entre outros. Entretanto, essa dinâmica no processo de produção do artesanato indígena representa apenas uma recriação do fazer artesão em seu processo de trabalho.

Neste sentido, Burke apud Amselle (2003, p.14) ao citar o especialista em África Ocidental, ressalta que “*não existem coisas como tribos, como os fulas ou bambaras. Não existe uma fronteira cultural nítida ou firme entre grupos, e sim, pelo contrário, um continuum cultural*”. A globalização cultural envolve a hibridização. Esta por sua vez diz respeito a atitudes, mentalidades, valores, expressões, entre outros fatores que envolvem o indivíduo e sua

interação com o meio cultural, exigindo adaptação e criatividade para agir perante as trocas culturais (BURKE, 2003, p. 16-17).

*Do mesmo modo que a cultura e a identidade de qualquer povo, o artesanato também se recria. Ele se adapta às necessidades e possibilidades contemporâneas. Assim, os indígenas atualizam os seus produtos, podendo utilizar novos recursos, novos materiais, novas formas e usos atuais (chapéus, leques, abajures, bijuterias, canetas, etc.). É um processo que caracteriza as mudanças resultantes dos contatos interculturais, mostrando que a cultura está em constante recriação e construção, mantendo a essência especificidades do povo que o produz (BALLIVIÁN, 2014, p. 13).*

Ao que tange a produção do artesanato indígena é feita uma seleção dos artefatos voltados para fins comerciais, mantendo as características da cultura de cada povo, mas voltado ao consumo não indígena. Porém há artefatos voltados para uso apenas cultural de cada povo e neste sentido não é comercializável. Entre os Sateré-Mawé o Puratin, a luva de tucandeira, determinados tecidos (abano, peneiras, chapéus e outros) utilizados na Terra Indígena não costumam ser comercializados pelos artesãos, pois são próprios do uso Sateré-Mawé (MAURO, 2016, p. 98).

### **A cultura indígena Sateré-Mawé na Amazônia e na cidade de Parintins**

Sateré-Mawé é um povo bilíngue e passados mais de 300 anos de contato com a evangelização cristã e a sociedade envolvente conseguiu manter sua língua materna. Ainda hoje vivem, em sua maioria, nas aldeias comunidades sob suas próprias lideranças. O povo Sateré-Mawé em seu processo de adaptação e re-organização social, político e econômico estabeleceu um sincretismo civil e religioso com elementos da cultura envolvente (LORENZ, 1992; UGGÉ, 1993, TEXEIRA, 2005;).

Os registros históricos de cronistas e expedicionários como Alfred Métraux (1927) levaram Uggé (1991, p.18) a supor que o povo Sateré-Mawé possuem características semelhantes aos Tupinambás. A origem dos Sateré-Mawé na região do baixo Amazonas pode estar relacionada à migração ocorrida em 1530 de índios Tupinambá, ocasionada pela violência sofrida por parte dos portugueses. Os Tupinambás vieram de Pernambuco e percorreram 50 anos até chegar ao território entre o rio Madeira, Tapajós e proximidades.

“São chamados regionalmente ‘Mawés’, no entanto se autodenominam Sateré-Mawé. O primeiro nome ‘Sateré’ significa lagarta de fogo, o segundo nome ‘Mawé’ quer dizer papagaio inteligente e curioso” (LORENZ, 1992, p.11). A importância de se denominar Sateré surge da identificação e valorização de um clã considerado mais importante dentre os que compõem essa sociedade.

A população correspondente a 8.500 pessoas, sendo entre estes a maioria habitante da Terra Indígena Andirá-Marau, situada entre os Estados do Amazonas e Pará, na região do Médio Rio Amazonas, especificamente às margens dos rios Andirá, município de Barreirinha; rios Marau, Urupadi e Manjuru, município de Maués e rio Waikurapá, município de Parintins e, uma pequena área no Koatá-Laranjal junto com povo Munduruku (TEIXEIRA, 2005, p.146).

Segundo o Diagnóstico Sócio-Participativo são 998 Sateré-Mawé habitantes na cidade e destes 521 vivem na sede do município de Parintins, moram em sua maioria em casas próprias em diferentes áreas da cidade, outros cerca de 30 pessoas moram na Casa de Trânsito Indígena. As principais causas dessa mobilidade estão associadas à visita a parentes, constituição de famílias, problemas internos nas comunidades, períodos de festas tradicionais, busca por escolas e oportunidades de emprego (SILVA; FRANCESCHINI; CARNEIRO, 2009, p. 01).

A reorganização de tempo e espaço, os mecanismos de desencaixe e a flexibilidade da modernidade envolvem questões de práticas tradicionalmente estabelecidas e a dialética entre local e global. Ninguém está imune aos processos de transformações provocadas pela modernidade (GIDDENS, 2002, p. 27). Nesse sentido, ocorre a “hibridização”, sendo então entendido que “o preço da hibridização, especialmente naquela forma inusitadamente rápida que é característica de nossa época, inclui a perda de tradições regionais e de raízes locais” (BURKE, 2003, p.18).

Nessa perspectiva, a “hibridização” ocorre quando no processo de forte tendência à migração para as cidades, os indígenas acabam passando pelo processo de enfraquecimento de alguns traços culturais, uma vez que, os costumes e valores da sociedade envolvente vão sendo facilmente assimilados por seus membros. Porém, defende-se o fato de haver indígenas que ainda querem, através de seus saberes tradicionais, difundir sua cultura, utilizando os artesanatos, assim, como uma saída para subsidiar necessidades econômicas e, intrinsecamente, propagar a cultura Sateré-Mawé.

## **Discussão e análise dos resultados**

### **A produção e valorização da cultura indígena**

Os Sateré-Mawé possuem atividades produtivas diferenciadas quando se compara os moradores da área indígena e os moradores da área urbana. Isso é apontado nos estudos de Teixeira (2005) referentes ao levantamento (Diagnóstico Participativo) das informações da realidade sociodemográfica, ocupacional e das condições de vida dos Sateré-Mawé nas cidades de Parintins, Barreirinha, Maués, Nova Olinda do Norte (2002-2003) e nas terras indígenas Andirá-Marau e Koatá-Laranjal (2003). O Diagnóstico revela que as quatro principais ocupações detectadas nas terras indígenas são agricultura, produção familiar, atividades domésticas e estudantis.

Já quanto a situação nas cidades, em relação as atividades desenvolvidas, o Diagnóstico revela que é bastante precária a situação de trabalho da população Sateré-Mawé residente nas cidades abrangidas no levantamento por Teixeira (2005). “Apenas 137 pessoas, representando a quarta parte (26,1%) da população entre 15 e 64 anos de idade, tem algum trabalho remunerado nas áreas urbanas estudadas. Desses, a maioria (84) é composta por homens, tendo as mulheres uma fraca participação no emprego urbano indígena” (TEIXEIRA, 2005, p. 143).

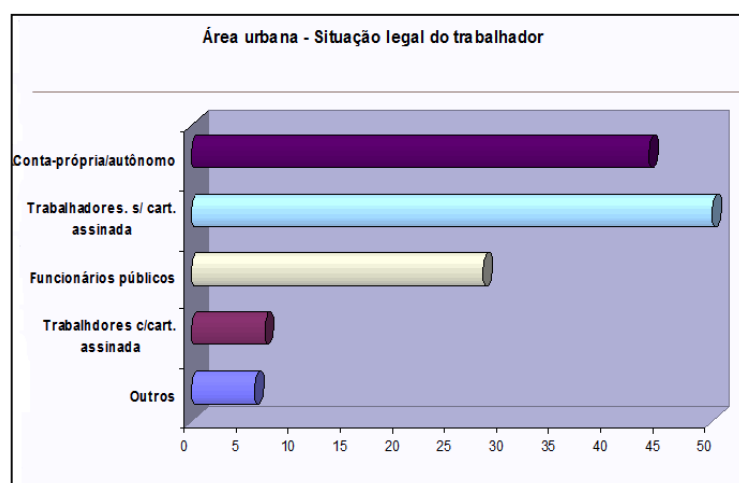
Sendo as cidades do interior, em uma região de níveis elevados de desemprego, concorrendo desfavoravelmente no exíguo mercado de trabalho local, os Sateré-Mawé sofrem da falta de emprego e, quando o conseguem, o fazem em condições bastante desfavoráveis.

Na área urbana não se tem um diagnóstico de quantos indígenas desenvolvem as atividades artesanais. Pelo gráfico (Figura 01) da situação legal do trabalhador Sateré-Mawé em área urbana identifica-se o índice mais elevado o de trabalhadores sem carteira assinada, seguido de por conta própria autônomo.

Na cidade de Parintins, durante o Festival Folclórico de Parintins, dos Bois-Bumbás Garantido e Caprichoso, os indígenas artesãos autorizados pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) e pela Prefeitura Municipal de Parintins, se localizam estrategicamente na área central da Praça Eduardo Ribeiro para a venda de seus artesanatos.



Figura 01 - Gráfico da situação legal do trabalhador Sateré-Mawé em área urbana (cidades de Parintins, Barreirinha, Maués e Nova Olinda do Norte)



Fonte: IBGE, 2015 (Diagnóstico Socio-Demográfico Participativo da População Sateré-Mawé).

Entre os indígenas artesãos, o que chamou atenção foi à presença de anciãs artesãs desenvolvedoras de todo processo artesanal desde a produção até a comercialização de seus produtos. Verificou-se um número de 03 artesãs anciãs, sendo o total delas entrevistadas pela equipe de pesquisa. A partir do gráfico apresentado anteriormente (Figura 01) entendemos o fato de estas anciãs fazerem parte do grupo de “trabalhadores por conta própria”.

Segundo Ballivián (2012, p. 11):

*Historicamente o artesanato faz parte integrante da cultura indígena, sendo uma expressão material de sua visão de mundo, do modo de ser e de se relacionar com elementos do meio. É tradicionalmente uma atividade de caráter familiar que realiza todas as etapas da produção, desde o preparo da matéria-prima até o acabamento final, em que se destaca a habilidade do trabalho manual e do saber tradicional, passado de geração em geração: de pais para filhos, de avó para neta, etc.*

Nesse sentido, fica visível como o artesanato manifesta-se enquanto um componente cultural transmitido por meio do etnoconhecimento. O artesanato é um componente cultural indígena, de sua identidade, além disso, é utilitário devido a sua execução ser entendida não apenas como integrante e representante da cultura, mas também por seu valor econômico:

*Depois que aprendi, aí já passa [ensina] para os parentes, neta, e aí vai, irmãos. Eles gostam de aprender porque dá dinheiro, né (Sra. A.M., 68 anos, PIN/AM).*

*Eu sei que o artesanato dá dinheiro também. A gente não para de fazer até chegar outro ano [Venda anual no Festival Folclórico de Parintins] porque a gente sabe que a gente vai vender e ganhar um dinheirinho. [...] Eu gosto de fazer, eu estou fazendo, de noite, eu faço de dia, nas horas vagas, eu apronto uma comida, faço o almoço, depois já vou pegando meu artesanato (Sra. F.V., 78 anos, PIN/AM).*

Apesar da autorização pelos órgãos competentes para as atividades de comercialização artesanal na área central da Praça Eduardo Ribeiro, ainda é precária a realização dessa atividade pelos indígenas. Segundo a pesquisa, são eles próprios os responsáveis por todas as despesas relativas à comercialização como transporte dos artesanatos, mesas, cadeiras, lonas para proteção chuva/sol, gastos com alimentação, água.

Na cidade é expressivo o viés cultural indígena no palco do Festival Folclórico dos Bois-Bumbás, porém os reais sujeitos “no palco da vida” estão distanciados do protagonismo em relação à valorização de suas atividades empreendedoras de cunho cultural intrínseco:

*Desde o tempo que nosso avô ensinou a gente, a gente nunca se esqueceu, é praticar, ensinar nossos netos, nossas netas para um dia quando a gente não estiver mais vai ficar para eles, porque essa cultura é nossa, dos Saterés. Hoje em dia nossa cultura indígena, vocês estão vendo que por aqui todos esses brancos estão vendendo o mesmo, igual nossa cultura, nosso colar, bolsinha, veio de Santarém, brinco tudo igual nossa já, é nossa cultura [...] (Sra. F.V., 78 anos, PIN/AM).*

A valorização da cultura é questão essencial para os artesãos, vivenciadores atualmente de um sem-número de dificuldades em seu cotidiano de vida e realização de atividades de trabalho. O papel dos artesãos anciãos e anciãs contribui para a continuidade das atividades artesanais, mas falta ainda muito a se fazer para melhoria das condições de vida e trabalho dos povos indígenas.

### **Atividades artesanais das anciãs Sateré-Mawé**

O artesanato produzido pelas anciãs participantes desta pesquisa (Quadro 01) segue etapas tradicionais, seus instrumentos de trabalho costumam ser adaptados por elas mesmas, como agulhas presas a um cabo de madeira para furar as sementes. Entre as três apenas uma dispõe de um recurso industrial, uma furadeira utilizada para acelerar o processo de perfuração das

sementes. As senhoras A.V (78 anos) e L.M (54 anos) moram na cidade e para ter acesso as matérias-primas de seus artesanatos costumam encomendar de “parentes” que moram nas áreas indígenas.

*O artesanato produzido e vendido pelos Sateré-Mawé com quem tive contato consiste principalmente em artigos feitos com sementes, particularmente colares, pulseiras e anéis, que, apresentando elementos presentes também nos artefatos de uso pessoal, não são, no entanto, os mesmos. Os colares de uso próprio são, em geral, feitos com sementes pretas, com chumburana, murumuru, maniva-do-mato e, principalmente, a pucá (MAURO, 2016, p.100).*

Entre as anciãs seus dísticos apontam para o uso das mesmas sementes outrora citadas, sendo que utilizam a chumburana, usada principalmente em suas peças de uso próprio, para produzir artesanatos também para comercialização.

Quadro 01. Artesãs Sateré-Mawé

Artesã	Identificação	Produção Artesanal
Sra. F.V. (78 anos)	Natural da aldeia Terra Preta. Mora a cerca de 25 anos na cidade de Barreirinha, reside em casa própria com sua família.	Atuam na produção artesanal da confecção de adornos (pulseiras, colares, brincos, anéis, gargantilhas), cuja matéria prima tem como base as sementes nativas das áreas indígenas do Andirá.
Sra. A.M (68 anos)	Natural da aldeia Umirituba e reside na mesma aldeia desde a infância.	
Sra. L.M (54 anos)	Natural da aldeia Molongotuba. Mora a cerca de 16 anos em Parintins, residente na Casa de Trânsito Indígena.	

Fonte: Pesquisa de Campo Incubadora AmIC, 2016.

No Brasil, o índice de mulheres indígenas com idade entre 54 a 79 anos é de 14% do total da população autodeclarada indígena, segundo o Censo de 2010. Na Região Norte o indicador corresponde a 9,5% do total no de grupo de mulheres e o mesmo percentual entre os homens (IBGE, 2016).

Entre os indígenas ser ancião representa um status de sabedoria, maturidade para aconselhar os mais jovens em suas escolhas e, dessa forma, contribuir com o conhecimento adquirido ao longo da vida. Segundo estudos em relação à vivência dos mais velhos em uma comunidade indígena, entende-se o conceito de ancião indígena a partir de Marques et. al. (2015, p.424):

*Ancião indicou ser detentor de responsabilidade e maturidade para a tomada de decisões, independentemente da idade cronológica; a pessoa anciã (amadurecida) tem um papel auxiliar nas decisões organizacionais e políticas, na proteção e implementação dos direitos e deveres da comunidade. A pessoa mais velha assume uma função e um papel muito mais relacionado à transmissão da tradição.*

As mulheres pesquisadas são consideradas anciãs, na percepção desta pesquisa, por suas trajetórias de vida apresentarem os elementos adjacentes àquela de seu aprendizado e hoje ensinamento, compartilhando com os parentes as histórias aprendidas com seus pais e avós sobre a cultura e a importância da valorização de seu povo.

A visão econômica sobre a atividade do artesanato é fator relevante na produção do mesmo na vida das anciãs, porém a visão da sustentabilidade indígena envolve a relação cultural, social, econômica. Ao realizar o artesanato estas mulheres reproduzem a cultura material aprendida e repassada a suas gerações de filhos e netos.

Cientes da dinâmica de vida de seus filhos, filhas, netos e netas envolvendo outras atividades escolares e de trabalho, como narrado pelas mulheres anciãs, no entanto, ocorrem momentos em que estes compartilham o fazer da produção artesanal.

*Agora a época tá perto da [festa religiosa de] Nossa Senhora do Bom Socorro, a gente vai vender. Eu tenho uma neta que ela me ajuda também, as outras não. O rapaz também, meu neto, também me ajuda também, mas não é todo dia não. Só quando ele quer fazer, quando ele quer ajudar a gente, mas ele sabe tecer gargantilha, tecer outro tipo de correntinha, colar mesmo, de pombinho, ele sabe. Eu tenho um filho que me ajudava, agora já trabalha na área indígena, agente de saúde. Não quer mais nada de colar não, só já trabalhando para a área [indígena] (Sra. F.V. 78 anos, PIN/AM).*

*Eu também, me ajudam também, filho, neto e neta. Só que não é todo dia, porque ela é estudante, porque ela faz farinha também, vai para a cozinha também. Agora eu não, eu fico lá em casa mesmo, trabalhando né, mas é meia hora, uma hora que me ajuda minha neta, minha nora também. Também porque não tinha ainda filho, minha nora me ajudou muito, muito mesmo, agora já tem filho, não pode mais, não deixa né, aí é só eu. Ele [esposo] trabalha com farinha também, mas é meia hora, uma hora me ajuda também. Meu marido também sabe tecer chapéu. Ele está na área (Sra. A.M. 68 anos, PIN/AM).*

Entre as mulheres anciãs a comercialização de seus artesanatos é realizada por elas mesmas, relatam o fato de, no passado, ter tido um coordenador de Terra Indígena intermediador das

vendas, mas este se mudou para Manaus e, desde então, realizam as vendas de seus artesanatos em suas próprias casas, na maioria das vezes.

Apenas no período do Festival Folclórico de Parintins dos Bois-Bumbás realizam a comercialização em espaço público, expondo seus produtos confeccionados para este momento (Figura 02). Além de configurar uma prática econômica de comércio, a venda do artesanato na Praça Eduardo Ribeiro representa também um momento de socialização com os parentes expositores de seus produtos naquele espaço. A senhora F.V. (78 anos), relatou já ter deixado de vender artesanatos a clientes que foram a sua casa comprar a fim de não faltar produtos para vender no Festival.

Figura 02. Comercialização do artesanato Sateré-Mawé no 51º Festival de Parintins



Fonte: Pesquisa de Campo Incubadora AmIC, 2016.

A respeito da comercialização do artesanato na praça Eduardo Ribeiro as anciãs relataram como a venda foi inferior ao esperado e em comparação ao ano anterior.

*[...] ano passado fiz R\$ 900,00 [refere-se ao festival de Parintins de 2015], só que ano passado o meu tinha pouco, a dela, ela tinha muito [refere-se a Sra. A.M, 68 anos], gargatilha, correntinha, tudo ela tinha, pulseira, brinco [...]. Acho que por tudo eu fiz R\$ 400,00 esse ano. Mas mesmo assim eu gosto de fazer, eu estou fazendo, de noite, eu faço de dia, nas horas vagas, eu apronto uma comida, faço o almoço, depois já vou pegando meu artesanato. Ano passado eu fiz só R\$900,00. Ela ganhou mais ano passado. Este ano menos. Nada. (Sra. F.V., 78 anos, PIN/AM).*

No decorrer do ano seus clientes em potencial costumam ser, nas áreas indígenas, as equipe de saúde, vindas de São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro. Também as “Expedições” religiosas de

missionários evangélicos norte-americanos, padres italianos. Na cidade de Barreirinha, F.V. (78 anos), vende seus artesanatos para padres, missionários, entre outros que a procuram em sua casa, também expõe os produtos nas festas religiosas da padroeira de Barreirinha.

A senhora A.M. (68 anos), relatou seu envolvimento em movimentos de mulheres em Parintins, também com o movimento de mulheres indígenas AMISM (Associação de Mulheres Indígenas Sateré-Mawé) e por meio destes já teve a oportunidade de viajar e participar de exposições em alguns lugares no Brasil e, até mesmo, no exterior.

*Eu aqui em Parintins, eu estou trabalhando na Articulação Parintins Cidadã. Aí varias vezes, meus colegas ligam para expor nosso artesanato na UFAM e ano retrasado nós expomos nosso trabalho na escola CETI para inauguração e por aí nós ganhamos um dinheiro. E também quando a gente vai longe também, Manaus para reunião das mulheres, também a gente ganha também (Sra. A.M, 68 anos, PIN/AM).*

Sobre a organização de seus recursos financeiros, relataram:

*Sateré não sabe. Só na cabeça. Minha filha me ajuda, dão preço, quanto que eu podia vender, colar, me ajudam, porque eu mesma não sei, só mesmo eu vou conferindo quando eu vou comprar dos meus parentes que trazem. Só mesmo da minha cabeça. Eu não vou anotar não, só mesmo na minha cabeça, mas tem dia que as meninas me ajudam, mamãe é tanto que a senhora vai poder vender, se não, não vai ter lucro (Sra. F.V., 78 anos, PIN/AM).*

*Tem Sateré que sabe fazer assim, mas eu não. Nem anota. Só quando trabalhando com venda eu fiz conta só na minha cabeça (Sra. A.M, 68 anos, PIN/AM).*

Entre suas dificuldades seus dísticos apontam o fato do acesso a matéria-prima ser um dos elementos chaves, seguido da necessidade de ter ferramentas e saber usar com agilidade as tecnologias para perfuração das sementes.

*Para produzir é que custa a gente fazer, a gente vai em frente, a gente vai fazendo, tudo que é dificuldade que a gente vai encontrando. O material é caro, é duas voltas é dois reais que nossos parentes vendem, mas é o jeito a gente comprar porque a gente vai trabalhar a gente que vai vender. Se for botar dificuldade a gente não compra nada não. (Sra. F.V., 78 anos, PIN/AM).*

*Eu acho que é valioso a cultura do Sateré, o branco já tem loja de artesanato, o mesmo nosso, só que eles compram também dos Skarianos, [estes] trabalham mais com pena, tudo com pena, nós não. Esses de caroço, de pombinho eles querem muito, o meu acabaram esses, agora vou fazer mais. (Sra. F.V., 78 anos, PIN/AM).*

A realização do artesanato, conforme os dísticos de F.V. (78 anos), envolve a valorização da própria cultura, efetivando a sustentabilidade do seu próprio produtor e da cultura de seu povo como um todo.

### **Considerações Finais**

*"Todos têm direito ao meio ambiente, ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida, impondo-se ao poder público e a coletividade o dever de defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações" (C.F. cap.6, art.225).*

O indígena em sua essência estabelece uma relação de respeito mútuo com a natureza, não se sente superior ao ambiente e sim parte dele. Tudo é vida e está em constante relação e interação. A qualidade de vida, neste sentido, envolve a compreensão em conservar os bens coletivos, sendo estes primordiais a existência não apenas da geração futura, sobretudo, desta atual já sofredora dos desmandos da lógica linear de produção e uso predatória.

A produção do artesanato indígena, em especial o realizado pelas mulheres seguidoras dos caminhos das sementes da flora amazônica, ainda moradoras ou migrantes em espaço urbano não é abandonado, revelando como a produção não é realizada de forma a ser alheia a responsabilidade de cuidar da vida das mulheres e de seu povo em sua plenitude.

As mulheres anciãs são produtoras do artesanato, de suas culturas, de sua autonomia enquanto ser e fazer-se Sateré-Mawé nos diferentes lugares, interagindo com a sociedade envolvente ao praticar a economia, reconstruindo e repassando os etnoconhecimentos às gerações de seu povo, ensinando-lhes uma estratégia de adaptação cultural de resistência de seus valores e saberes.

Assim, empoderadas as mulheres anciãs participam da contextualização, construção e reconstrução do ser indígena na contemporaneidade, sendo então símbolo do ser guerreiro (mulher) munido de sabedoria (anciã) do povo indígena Sateré-Mawé em toda sua complexidade do modo de vida.

### **Referências Bibliográficas**

BALLIVIÁN, José M. P. Palazuelos (Org.). *Artesanato Kaingang e Guarani*. 1. Reimpr. São Leopoldo: Oikos, 2012.

\_\_\_\_\_. *Tecendo Relações Além da Aldeia: artesãos indígenas em cidades da região sul*. COMIM, 2014.

BRASIL. Base conceitual do artesanato brasileiro. *República Federativa Do Brasil*. Programa do Artesanato Brasileiro. Brasília, 2012.

DIEGUES, Antonio Carlos (org). *Biodiversidade e Comunidades Tradicionais no Brasil*. NUPAUB - USP. PROBIO – MMA. CNPQ. São Paulo, 1999.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

LANGDON, J. Representação de doenças e itinerário terapêutico dos *Siona* da Amazônia Colombiana. In: SANTOS, Ricardo; COIMBRA, Carlos (org.). *Saúde e povos indígenas*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

LORENZ, Sônia da Silva. *Sateré-Mawé: os filhos do guaraná*. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista, 1992.

MARQUES, F. D., SOUSA, L. M., VIZZOTTO, M. M., BONFIM, T. E. A vivência dos mais velhos em uma comunidade indígena Guarani Mbyá. *Psicologia & Sociedade*, 27(2), p. 415-427, 2015.

MAURO, Ana Luisa Sertã Almada. *Seguindo sementes: circuitos e trajetos do artesanato saterémawé entre a cidade e aldeia/ Ana Luisa Sertã Almada Mauro; orientador José Guilherme Cantor Magnani*. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia. Área de concentração: Antropologia Social. São Paulo, 2016. 212 f.

MINISTÉRIO DA CULTURA. *Cultura em Três Dimensões – Material Informativo: as políticas do Ministério da Cultura de 2003 a 2010*. Brasília: Ministério da Cultura, 2010.

NASCIMENTO, G. C. C. Mestre dos mares: o saber do território, o território do saber na pesca artesanal. In: CANANÉA, F. A. *Sentidos de leitura: sociedade e educação*. João Pessoa: Imprell, 2013, p. 57-68.

NOGUEIRA, Wilson. *Festas Amazônicas: boi-bumbá, ciranda e sairé*. Manaus: Editora Valer, 2008.

RICOVERI, Giovanna. *Bens comuns versus mercadorias*. Rio de Janeiro: Editora Multifoco. 2012



SILVA, José de Oliveira dos S. da; FRANCESCHINI, Dulce do Carmo; CARNEIRO, Denize de Souza. Revitalização Linguística e Cultural Sateré-Mawé. *Anais do SILEL*. Volume 1. Uberlândia: EDUFU, 2009.

TEIXEIRA, Pery. *Sateré-Mawé: retrato de um povo indígena*. Manaus: UNICEF/UNFPA, 2005.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Diagnóstico sociodemográfico participativo dos sateré-mawé*. Disponível em: <[http://www.ibge.gov.br/home/pesquisa/pesquisa\\_google.shtm?cx=009791019813784313549%3Aonz63jzsr68&cof=FORID%3A9&ie=ISO-8859-1&q=ind%EDgenas+parintins&sa=Pesquisar&siteurl=www.ibge.gov.br%2F&ref=&ss=5573j4794639j20](http://www.ibge.gov.br/home/pesquisa/pesquisa_google.shtm?cx=009791019813784313549%3Aonz63jzsr68&cof=FORID%3A9&ie=ISO-8859-1&q=ind%EDgenas+parintins&sa=Pesquisar&siteurl=www.ibge.gov.br%2F&ref=&ss=5573j4794639j20)> Acesso em 08 de julho de 2016.